

Sobrevivência

Cimi estimula índios a comercializarem banana

O objetivo é buscar um meio diferente de subsistência

LUIZ GOMES OTERO
Da Sucursal de Itanhaém

O Conselho Indigenista Missionário (Cimi) está auxiliando os índios da Aldeia do Rio Branco, em Itanhaém, a buscar um meio de subsistência diferente da venda do palmito na feira livre semanal. A comercialização da banana da aldeia para São Paulo, sem atravessadores, serve de estímulo para a arrecadação de recursos para a comunidade indígena.

Almir Baldissarelli, membro do Cimi, explica que a comercialização da banana da aldeia é fruto de

convênio com o Movimento de Integração Campo-Cidade (Micc), um grupo de São Paulo que combate a ação dos atravessadores.

"Eles vêm até a aldeia e compram a banana diretamente dos índios. Pagam R\$ 0,40 a dúzia para eles, enquanto os atravessadores pagam R\$ 0,12 pela dúzia de outros produtores", disse.

Um ponto favorável é o não deslocamento para a cidade. "Eles não precisam sair da aldeia, que é o local deles, para vender. O Micc vai até lá e facilita as coisas para os índios", falou.

Valorização — Darcy Ciconetti,

outro membro do Cimi, considera o convênio com o Micc importante para uma valorização do trabalho agrícola dos índios. "Acreditamos ser esse um caminho mais justo para valorizar o trabalho da comunidade indígena da aldeia, cuja convivência com a sociedade tem sido muito difícil ao longo dos anos", afirmou.

Darcy disse que atualmente vivem aproximadamente 12 famílias, totalizando 70 pessoas na aldeia. "Este é um número aproximado, pois o povo tupi-guarani é reconhecidamente nômade, desloca-se de uma aldeia para outra de tempos em tempos", falou.

Conselho atua em Itanhaém desde 1979

A atuação do Cimi junto à comunidade indígena brasileira começou a partir de 1972. Em Itanhaém, iniciou em 1979, preocupado principalmente com a questão da demarcação das terras e com a organização das aldeias, buscando sempre uma convivência harmoniosa com a sociedade do homem branco, sem perder a cultura original.

Almir Baldissarelli, do Cimi, disse que a meta nunca foi adaptar o índio à cultura e costumes da cidade. "O objetivo sempre é a busca de convivência harmoniosa com a nossa cultura, fazendo-os compreender também a nossa sociedade, assim como nós podemos compreendê-los. É muito difícil, mas temos obtido sucesso em muitos lugares, e Itanhaém agora

está progredindo bem", declarou.

Uma dos maiores obstáculos para conseguir êxito é o consumo indiscriminado de bebidas alcoólicas pelos índios na cidade. "Os donos de bares devem se conscientizar de que cada copo de bebida oferecido a um índio pode gerar vários problemas. Eles não têm o hábito de beber e, quando descobrem, passam a querer mais", sentença.

Alcoolismo — Darcy já constatou casos de alcoolismo inclusive na Aldeia do Rio Branco. "É complicado, pois nós alertamos e doutrinaamos todos para se cientificarem do mal que o álcool faz. Mas vem um outro dia e eles esquecem tudo", disse.

A comercialização da banana é

um dos recursos que ajudam o índio a se manter sem prejuízos materiais. "A venda do palmito, direta ao público, deixa o índio exposto à exploração, além de contribuir para uma quase extinção do tipo juçara na região. Não se pode deixar o índio sem uma orientação ou auxílio durante a venda", disse.

Darcy Ciconetti falou do estudo de outras alternativas para os índios arrecadarem recursos por meios próprios. "Estamos vendo a possibilidade de se executar a piscicultura na aldeia de Itanhaém, bem como talvez o cultivo do palmito tipo pupunha. Tudo são tentativas de se ajudar esta comunidade, mas sem que ela perca o vínculo com a cultura original. Este é o objetivo fundamental do Cimi", finalizou.



A valorização do trabalho agrícola dos índios foi um fator levando em conta nesta iniciativa